



O Chão de Graciliano: uma análise semiótica da obra de Tiago Santana¹

Paulo Jefferson Pereira BARRETO e Renata da Silva NUNES²

Osmar Gonçalves³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo propõe uma análise semiótica sobre a obra O Chão de Graciliano, do fotógrafo Tiago Santana, em parceria com o escritor Audálio Dantas. Entende-se, aqui, a referida obra como parte de um trabalho de tradução intersemiótica e aberta, passível de diferentes interpretações. A ideia é traçar discussões sobre o aparato de representações simbólicas e icônicas presentes no trabalho fotográfico que compõe a obra a partir de um estudo baseado em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo semiótico.

Palavras-chave: Semiótica; Fotografia; Tradução intersemiótica e Representação Sígnica

1 - Introdução

Entender a estrutura e as possíveis discussões que a obra O Chão de Graciliano propõe requer, previamente, uma análise sobre o processo de produção do conteúdo nela contido e das motivações que levaram à consecução do livro. Para traduzir, interpretar e entender a obra é preciso recorrer, primeiramente, à origem do fotógrafo.

Tiago Sobreira de Santana nasceu na região do Crato (CE), em 1966. Seu trabalho documental se concentra nas tradições culturais e nas festas religiosas do Nordeste, dedicado, sobretudo, ao registro da peregrinação de fiéis a Juazeiro do Norte, Ceará. Trabalha com preto e branco e pauta principalmente noções de identidade cultural e denúncia social.

Trabalho apresentado na IJ 01 Divisão de Jornalismo da Intercom – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

¹ Graduando do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: pj.jefferson@hotmail.com.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: renattasnunes@gmail.com.

³ Orientador do trabalho, professor de Semiótica do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Email: osmargoncalves@hotmail.com

O intuito de conhecer mais sobre a vida de Santana é fundamental para o entendimento de seu trabalho. O próprio autor afirma que sua origem teria forte impacto na realização das obras. A relação com o sertão originou seus dois principais ensaios fotográficos, que renderam exposições e livros: *Benditos* (2000) e *O Chão de Graciliano* (2006). Suas memórias e percepções estão bastante presentes em seus trabalhos.

"Os meus dois principais trabalhos em livros são *Benditos* e o *Chão de Graciliano* que, de certa forma, têm muito a ver um com o outro. Um nasceu por conta do outro. É... primeiro porque tem relação com o lugar onde eu nasci. Então, acho que parte desse princípio: meu primeiro trabalho foi vendido por causa da minha relação com aquele lugar. Fazer a minha visão de Juazeiro, a visão de quem não é de fora, mas de uma pessoa "de dentro", que interage com a comunidade..." (SANTANA, 2009).

O Chão de Graciliano é um livro-reportagem composto por um conjunto de fotos que retratam o sertão cearense como plano de fundo e a homem, personificado pela figura do sertanejo, como objeto central. As fotos foram feitas por Tiago Santana e os textos pelo jornalista alagoano Audálio Dantas. O projeto é fruto de uma série de viagens que Santana e Dantas realizaram pelo sertão de Alagoas e Pernambuco durante o ano de 2003.

Com um caráter mais documental, o ensaio homenageia a vida e a obra do escritor Graciliano Ramos, a partir de imagens que remontam, em especial, o universo criativo e simbólico da obra *Vidas secas*. O trabalho fotográfico foi exibida no Sesc de São Paulo, em comemoração aos 110 anos de nascimento de Graciliano e aos 70 anos de seu primeiro romance, *Caêtes*. Três anos depois, a obra foi publicada pela editora francesa Photo Poche e ganhou o mundo.

A obra sintetiza o espaço e o tempo de Graciliano em sua terra através das viagens do fotógrafo junto com Audálio Dantas por lugares por onde Graciliano Ramos passou boa parte de sua vida, e onde estão suas memórias.

1.2 - Vidas Secas: a reconstrução do sentido e do significado da obra de Graciliano Ramos

Ao tentar retratar os passos do escritor alagoano Graciliano Ramos, Tiago Santana acaba por abordar direta e indiretamente muito dos aspectos tratados nas obras desse autor.

Nesse sentido, O livro *Vidas Secas* acaba sendo o grande foco do trabalho



fotográfico realizado por Santana em 'O Chão de Graciliano'. Nesta obra, o fotógrafo reconstrói elementos marcantes da produção de Graciliano Ramos. O sertanejo, a religiosidade e o próprio ambiente Sertão, por exemplo, são algumas das temáticas retratadas.

Para entender as novas perspectivas que Santana dá à dimensão social e literária da produção de Graciliano, e especialmente do livro *Vidas Secas*, é preciso, antes, entender esta obra. *Vidas Secas* é, talvez, o maior expoente da literatura do escritor Graciliano Ramos.

O livro, clássico da literatura regionalista, foi publicado em 1938 e expõe muito da desumanização do homem pela seca extrema do sertão nordestino. A pobreza, a fome, a injustiça social, o sentido de família e o próprio sentido e significado da natureza humana são apenas alguns dos elementos tratados na obra, a partir de uma perspectiva atemporal e não linear.

“A brutalidade da seca faz com que os personagens também se embruteçam. Daí, a frequente recorrência do autor ao compará-los com animais, revelando seus aspectos rústicos” (MAYLE, 2007).

A história tem como fundo a saga de uma família pobre, retirante e sertaneja. Fabiano, o patriarca, quase não fala, não sabe ler, nem escrever; Sinhá Vitória, a mãe, é tida como uma mulata esperta, cujo grande sonho era possuir uma cama de verdade; os filhos, sem nome, Menino mais velho e Menino mais novo; a Cadela Baleia, talvez a mais humana das personagens, e um papagaio que não falava, só latia, porque era o único som que escutava.

"O sertanejo de *Vidas secas* não é visto como pitoresco, sentimental ou jocoso, muito pelo contrário, as agruras do sofrimento causado pela seca o transformaram num ser à beira do “homem-bicho”, que não se lamenta, não fala, nem desiste de viver, porém esmorece como ser humano. " (ANDRADE, in Revista MAFUÁ)

É interessante notar que os personagens de Graciliano Ramos possuem uma percepção não apenas sobre si mesmos, mas também sobre a realidade em que estão inseridos, com todo o aparato simbólico que a compõe. E, é nesse sentido, que a obra fotográfica de Tiago Santana ganha contornos.

O trabalho de Santana lança uma nova perspectiva sobre os elementos retratados por Graciliano. Não se trata, no entanto, de uma mera reprodução do que já é exposto pelo autor na obra, seja de caráter fictício ou real. Mesmo os personagens, sertanejos, no Sertão, são retratados de uma maneira que não personifica, pois não se



ligam diretamente a pessoas, mas a figuras, ideias e representações construídas a partir da imagem simbólica que se tem delas.

O fotógrafo, desta forma, traduz e retraduz, em imagens, a simbologia de Vidas Secas, aplicada à realidade de quem vive e convive no sertão. Assim, as fotos vão criando novos sentidos e novos significados sobre os elementos que procuram retratar.

2 – O Chão de Graciliano: um trabalho de tradução intersemiótica

Ao tentar traduzir em imagens todo o conjunto de representações simbólicas que compõe os trabalhos de Graciliano Ramos, em especial no que diz à obra Vidas Secas, Tiago Santana retraduz o sentido e o significado da obra original, colocando muito de suas próprias experiências e vivências pessoais na nova obra que produz.

A tradução é, em primeiro lugar, uma forma. E concebê-la como tal significa antes de tudo o regresso ao original em que, ao fim e ao cabo, se encontra afinal a lei que determina e contém a “traduzibilidade” da obra. (BENJAMIN, 2008, pág. 26)

As imagens lançam novas perspectivas sob o objeto original, mas não deixam de trazer elementos comuns ele. O sertanejo, o sertão, a relação homem-animal e, sobretudo, a figura da criança são alguns desses elementos que o fotógrafo retrata e que, em muito, lembram traços presentes em Vidas Secas. Thais Flores Nogueira Diniz, em ‘A Tradução Intersemiótica e o Conceito de Equivalência’ cita esta característica do trabalho de tradução.

“O texto resultante, a tradução, não consiste da incorporação do texto anterior ‘transportado’, e sim de um texto que se refere a outro(s) texto(s), que o(s) afeta, que mantém com ele(s) uma determinada relação ou que ainda o(s) representa de algum modo.” (DINIZ).

Santana realiza, portanto, um trabalho de tradução intersemiótica. É importante notar, que quando se fala em tradução, aqui, nos referimos ao trabalho de “transportar, transferir, um sentido” (DINIZ) de um tipo específico de linguagem a outro.

No entanto, o trabalho que Santana produz vai além da mera transferência do que está presente em Vidas Secas para a imagem fotográfica. É exatamente por meio de suas fotos, que o fotógrafo empreende um trabalho de resignificação sêmica de representações presentes na obra de Graciliano Ramos. Para efeito de compreensão, neste artigo, entende-se por signo:

“Um signo é qualquer coisa que, ao se referir a um objeto de alguma maneira, cria um terceiro signo, talvez mais ampliado (um

interpretante), que se refere ao objeto da mesma maneira que o faz o signo...” (PIERCE, 1931-1958).

Como parte de uma tradução intersemiótica, O Chão de Graciliano coloca novas perspectivas simbólicas sobre os elementos e temáticas abordados no objeto original. Isso porque o próprio processo de tradução requer também um processo de transformação do sentido original de uma obra. Walter Benjamin, em ‘A Tarefa do Tradutor’ cita isto em suas análises:

“[...] nenhum dado do conhecimento pode ser ou ter pretensões de ser objetivo quando se contenta em reproduzir o real, e do mesmo modo também nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original.” (BENJAMIN, 2008, pág. 30).

O trabalho de tradução que Santana empreende em suas fotografias influencia na reconstrução do significado original dos elementos que servem de base para o livro ‘O chão de Graciliano’. Atribuindo novo sentido e significado ao que foi tratado por Graciliano, Tiago Santana constrói um trabalho inteiramente novo, mesmo sem apagar totalmente traços do objeto original em que se baseia o livro Vidas Secas. A metáfora da Tangente, citada por Benjamin, explica:

“Do mesmo modo que uma tangente só toca ao de leve um único ponto da circunferência... Também a tradução toca apenas ao leve no original e somente num ponto infinitamente pequeno do seu significado...” (BENJAMIN, 2008, pág.40).

3 - Um retrato social do Sertão: análise do trabalho de Tiago Santana

Um traço comum da obra fotográfica produzida por Tiago Santana para O Chão de Graciliano é a atemporalidade. Como o livro foi escrito com o intuito de revelar, em imagens, os caminhos percorridos pelo escritor Graciliano Ramos, e elementos presentes em suas obras, o efeito do preto e do branco nas fotos dão um caráter atemporal à obra.

Essa característica se torna algo especialmente marcante na obra de Santana, porque não atribui às fotos um marco temporal específico. Assim, quem as observa pode não especificar se se tratam de fotos atuais ou, de fato, de fotos da época de Graciliano.

Boa parte do que é retratado pelas lentes de Tiago Santana tem como fundo o Sertão nordestino. Esse ambiente é decisivo em seu trabalho não só pelo fato de que

também serve como pano de fundo do livro *Vidas Secas*, mas também, e sobretudo, pelo fato de que o próprio fotógrafo carrega em si muito das simbologias que envolvem o espaço e contexto sógnico em que está inserido.

"Os signos e símbolos estão e fazem parte da totalidade do espaço geográfico. Quando uma determinada sociedade humana vive num território específico ocorre não só a utilização dos recursos naturais ali presentes. Faz parte da natureza humana atribuir sentido e valorar afetivamente e subjetivamente os elementos concretos e abstratos constituintes do espaço geográfico." (ARAÚJO, Gilvan; JUNIOR, Dante, 2012.)

Para além da pobreza ou da seca, Santana empreende um trabalho que valoriza figuras humanas. "Minha fotografia só tem sentido porque é fotografia de gente" (SANTANA, 2009). Assim, o fotógrafo procura retratar não pessoas específicas, mas a personificação de figuras humanas, com cortes fotográficos e um jogo de sombras que reforça essa postura no produto final, ou seja, nas fotos.

Quando se debruça sobre o sertanejo, por exemplo, Santana, não retrata especificamente o homem do sertão, mas a ideia, carregada de simbologias, que se tem e, mais precisamente, a ideia que ele percebeu e absorveu do sertanejo. Isso explica, talvez, o fato de que boa parte de suas fotos não retrata rostos específicos e nítidos. São sombras ou fotos cortadas que se centram na ação humana e não necessariamente na pessoa.

"O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida [...] As ideias são representações mentais das coisas concretas e abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser apenas sinais ou signos de referência, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida." (LAPLANTINE & TRINDADE, 2000, p. 3).

A relação homem-animal é outro fator decisivo nas fotos em 'O Chão de Graciliano'. Neste ponto, o fotógrafo retrata algo que já havia fortemente marcado o trabalho de Graciliano Ramos. Assim como a relação entre a família de Fabiano e a cachorra Baleia é muito forte em *Vidas Secas*, Santana retrata o animal como parte integrante da vida familiar no sertão nordestino.

A infância também é um importante ponto retratado por Santana em seu trabalho. Assim como procura retratar apenas a figura, de caráter simbólico, do Sertão e dos sertanejos, o fotógrafo procura despersonificar a imagem da criança e retratar traços da infância no contexto familiar e no espaço Sertão.



As imagens captadas pelo fotógrafo são retratos que especificam muito de suas próprias experiências pessoais, como alguém que também pertence ao Sertão. Trata-se da recuperação de uma lembrança e da evocação de um período da história de vida do próprio fotógrafo, que acaba convergindo com o trabalho que empreende. De acordo com Henri Bergson:

“É certo que pensamos apenas com uma pequena parte de nosso passado; mas é com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos. Nosso passado, pois, manifesta-se-nos integralmente por seu ímpeto e na forma de tendência, embora apenas uma tênue parte dele se tome representação.” (BERGSON, 2006, Pág. 48)

No entanto, o ponto mais interessante de sua obra talvez seja o fato de que qualquer pessoa, de qualquer lugar do planeta, possa criar, por si mesma, representações simbólicas próprias para o que é retratado. É uma obra que permite interpretações múltiplas e abertas.

4 - Conclusão:

A obra de Tiago Santana exemplifica bem, o que Umberto Eco conceitualiza como Obra Aberta, e identificamos perfeitamente as características, citadas por Eco, na obra e na forma como Santana trabalha suas fotos.

Existe, então, segundo Eco (2005) uma tentativa em determinar uma ordem nova de valores que extraia seus próprios elementos de juízo e seus próprios parâmetros da análise do contexto no qual a obra se coloca, movendo-se em suas dúvidas para antes e depois dela, com objetivos que se encontram presentes em O Chão de Graciliano: a nítida impressão que se tem de Tiago individuando o que realmente interessa (a si), a partir de suas próprias experiências.

"A abordagem semiológica, com sua distinção entre diferentes níveis de codificação da imagem, fornece uma primeira resposta a essa questão: em nossa relação com a imagem, diversos códigos são mobilizados, alguns quase universais (os que resultam da percepção), outros relativamente naturais, porém já mais estruturados socialmente [...], e outros ainda, totalmente determinados pelo contexto social." (AUMONT, 2001, p. 250).

O novo produto, por assim dizer, lança, então, perspectivas que buscam na obra original (Vidas Secas) elementos para recriar os fenômenos retratados. Segundo Pierce (1931-1958), fenômeno é a totalidade da percepção em determinado momento.



Tudo aquilo que se apresenta à mente sem considerar a realidade ou não. O fenômeno não é algo exterior a nós e sim o que o exterior causa em nós.

Considerando as definições sobre fenômeno, conclui-se que as imagens de O Chão de Graciliano têm um caráter simbólico, do nível de terceiridade, porém remetem a uma sensação, a nível de primeiridade, para quem as vê. Santana é original do Crato e suas fotografias têm uma forte conexão com sua memória e seu passado. Embora não sejam sobre ele, dizem muito dele.

O problema da “traduzibilidade” de uma obra é suscetível a duas interpretações: com a primeira inquire-se a possibilidade de jamais se encontrar entre todos os seus leitores um tradutor acessível, pondo assim uma questão a que só pode corresponder uma resposta também problemática; com a segunda interpretação – aliás, a mais pertinente e apropriada – pergunta-se a natureza da obra permite uma tradução, ou, de acordo com o significado dessa forma, se até não exige e reclama, levantando-se aqui um problema que se deve responder de modo claro e apodíctico. (BENJAMIN, 2008, pág. 26)

O Fotógrafo se preocupa ainda com o processo que preside a formação da obra, as relações que se dão com ela e a partir dela. Para ele, o fundamental é sua relação com o olhar, em pensar o trabalho. A relação está mais além. É o chegar ao outro.

A obra definição então fica na segunda instância dos objetivos do autor. O trabalho que Tiago Santana empreende em O Chão de Graciliano permite múltiplas interpretações, por tratar-se de uma obra aberta. Aberta porque carrega consigo simbologias construídas de forma atemporal e universal.

Mesmo sem conhecer a realidade do sertão nordestino brasileiro, pessoas de diferentes partes do mundo podem apreender e construir, por si mesmas, representações sígnicas para os elementos retratados, a partir de seus próprios arcabouços simbólicos. A relação que o fotógrafo constrói com seus personagens ganha aí um significado especial. É essa relação que guia o trabalho do autor e que vai, no final, ter forte impacto na forma como as pessoas apreenderão seu trabalho.

“Há momentos em que fico e nem fotografo. Acho que é mais importante esta relação do que o resultado. É estranho um fotógrafo dizendo isso, mas é verdade! Esta troca é tão forte que a fotografia não dá conta” (Tiago Santana, em entrevista ao jornal O Povo).

5 - Referências



ARAÚJO, Gilvan; JUNIOR, Dante. As representações simbólicas: a pulsão imagética e signica na produção dos sentidos no espaço. Brasília: 2012. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.3, n.9, p. 93-106.<<http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/3edicao/n9/07.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2013.

AUMONT, Jacques. A Imagem. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BENJAMIN, Walter. A Tarefa do Tradutor. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BERGSON, Henri. Memória e Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DINIZ, Thais Flores. A tradução intersemiótica e o conceito de equivalência.

Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <http://www.thais-flores.pro.br/artigos/PDF/A%20Traducao%20Intersemiotica%20e%20o%20Conceito.pdf>

ECO, Umberto. Obra Aberta. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAPLANTINE, F & TRINDADE, L. O que é Imaginário? São Paulo: Editora Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos).

MAYLE, Jorge Alberto Tajra. Vidas Secas: Graciliano Ramos. In REVISTA CRIOLA. Disponível na Word Wide Web: <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/03/Artigos%20e%20Ensaio%20-%20Fabiano%20Venturotti.pdf>

NOTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. Imagem - Cognição; Semiótica ; Mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PEIRCE, C. Sanders. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. 8 v. C. Hartshorne, P. Weiss e A Burks (Eds.) Cambridge, MA: Harvard University Press. The Collected Papers estão aqui referidos como CP. [MS refere-se aos manuscritos não publicados de Peirce, conforme paginação do ISP, Texas], 1931-1958.

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO. 2011. Brasília. Anais eletrônico. Brasília: UnB, 2011. em: Acesso em 28 jan. 2013.



RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 100a. ed. São Paulo: Record, 2006.

Revista MAFUÁ. [on-line]. Edição 11: Santa Catarina, 2009. [cited 26 Janeiro de 2013]. Disponível na Word Wide Web:

<<http://www.mafua.ufsc.br/numero11/ensaios/andrade.htm>> ISSN 1806-2555

SANTANA, Tiago; DANTAS, Audalio. *O Chão de Graciliano*. Tempo D'imagens, 2007.

SANTANA, Tiago. *Discursos Fotográficos*. discursos fotográficos, Londrina, v.5, n.7, p.263-275, jul./dez. 2009. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira.